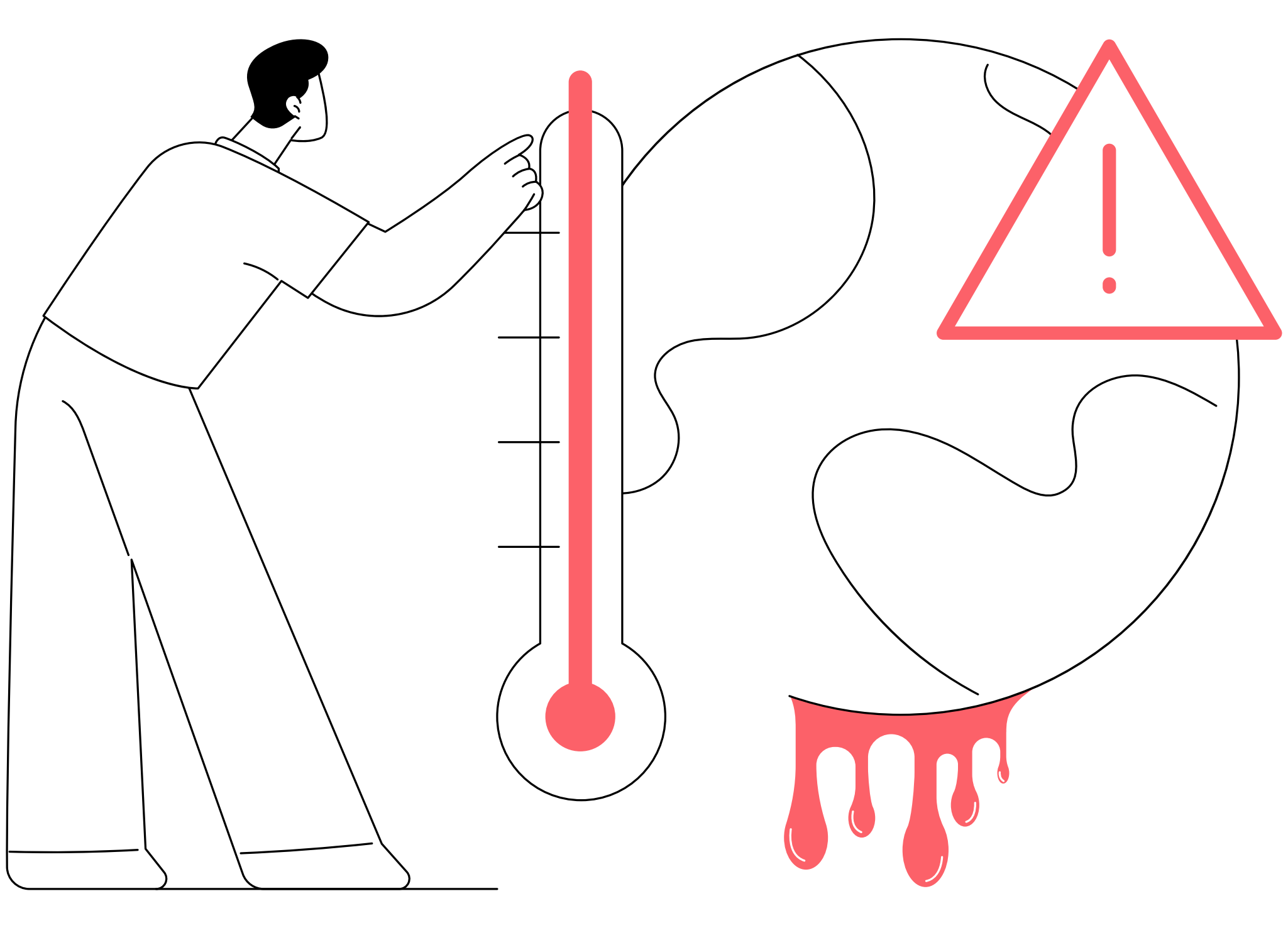
14 de dezembro • 2023

#73

Think Work
FORWARD

O RH e a crise climática: nada será como antes



Por
Guilherme Dearo

Os eventos climáticos que assombraram o Brasil nos últimos meses foram a carta de apresentação de uma realidade que veio para ficar: o aquecimento global. No Norte do país, a seca sem precedentes do rio Amazonas prejudicou o recebimento de insumos e o escoamento da produção industrial da Zona Franca de Manaus, causando um impacto de 50% no comércio fluvial e na navegação de cabotagem em Manaus, segundo a Associação Brasileira de Armadores de Cabotagem (Abac).

No Sul, as enchentes e chuvas intensas em setembro, provocadas por um ciclone extratropical, geraram um prejuízo de mais de 300 milhões de reais às indústrias locais de aves e suínos, pelas contas dos sindicatos.

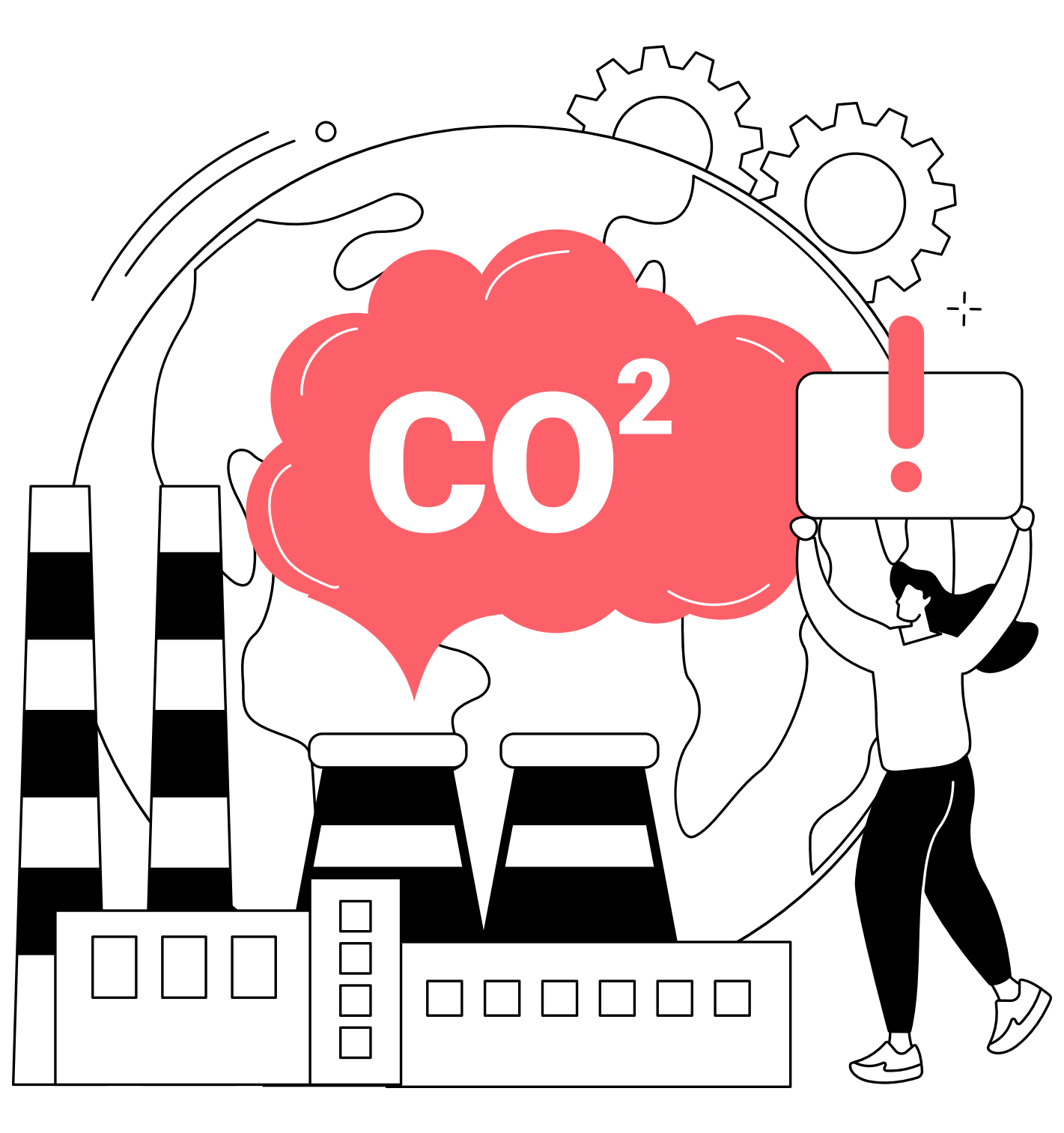
Já em São Paulo, no início de novembro, um temporal deixou 4 milhões de pessoas sem luz, mais de um milhão por quatro dias, período que afetou trabalhadores remotos, restaurantes, comércios e empresas. Pelo apagão, a fornecedora de energia Enel foi multada em 12,7 milhões de reais pelo governo de São Paulo, por meio do Procon.

O impacto, na economia, desses eventos naturais provocados pela ação humana não é uma novidade de 2023, embora somente agora a dimensão e a frequência do problema esteja assustando como deveria o Brasil.

Entre 2013 e 2022, segundo levantamento da Confederação Nacional de Municípios (CNM), secas e chuvas excessivas causaram prejuízos de 287 bilhões de reais à agropecuária – setor que responde por 24% do PIB – principalmente no Sul e no Nordeste.

O problema, como diz o nome, é global. Estudo divulgado neste ano pela seguradora AON aponta que desastres naturais causaram perdas de 313 bilhões de dólares pelo planeta em 2022, pouco mais de um terço, apenas, coberto por seguros. E, à medida que o aquecimento escala, o prejuízo sobe junto.

Em 2024, pelos cálculos da organização Carbon Disclosure Project, as 215 maiores empresas do mundo correm o risco de sangrar juntas 1 trilhão de dólares.



Impacto nos trabalhadores

Não há quem fique imune. Enquanto florestas queimam, ceifando árvores e animais, no campo e na cidade as pessoas são expostas a chuvas, enchentes, desabamentos, ar seco e proliferação de fungos, insetos e microrganismos, sem falar nas ondas de calor extremo. As altas temperaturas causam estresse, fadiga, desidratação e danos aos sistemas circulatório e neurológico e aos rins.

Segundo a edição de 2023 do Lancet Countdown, estudo da prestigiosa publicação científica *The Lancet*, na última década os trabalhadores experienciaram 281 horas anuais a mais de exposição ao calor excessivo no mundo, em média, se comparado ao período 1991-2000.

E, de acordo com projeções das universidades de Harvard e Washington, em 2050 metade da população mundial viverá em áreas com níveis perigosos de calor.

Ainda não se sabe onde o aquecimento vai parar - quando teremos um novo ponto de estabilidade, *um novo normal*. O ano de 2023 terminará com um recorde que, infelizmente, logo será batido. Em novembro, cientistas do observatório europeu Copernicus anunciaram que estes devem ser os doze meses mais quentes da Terra em 125 mil anos. Mas ainda vai piorar.

Além dos danos físicos, a mente também sofre. Em 2017, após artigo pioneiro dos pesquisadores Thomas Doherty e Susan Clayton, a American Psychology Association consolidou o conceito de ansiedade climática, ou ecoansiedade, um rol de transtornos mentais como estresse e depressão causados pelos desastres ambientais e pelas predições apocalípticas sobre o planeta.

Levantamento do *The Lancet* em dez países – incluindo o Brasil – mostra que 59% das crianças e jovens de 16 a 25 anos estão muito ou extremamente preocupados com a crise climática.

O impacto humano, claro, também se traduz em perdas econômicas. Conforme mostrou o Lancet Countdown, o calor extremo gerou em 2022 prejuízos de 490 bilhões de dólares em horas perdidas de potencial trabalho, 42% a mais que a média de 1991 a 2000.

Até 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) projeta 2% de perda em horas totais de trabalho por ano, o equivalente a 4 trilhões de dólares. Agricultura, construção e manufatura são e serão os setores mais afetados.

O papel do RH

Esse cenário catastrófico requer respostas urgentes dos profissionais de RH. Cabe a eles zelar pela saúde dos funcionários e mostrar às lideranças o tamanho do problema para os negócios.

Para Daniela Fontana, professora da Fundação Instituto de Administração (FIA) e especialista em gestão e sustentabilidade, toda empresa, hoje, tem a obrigação de saber o impacto das suas atividades no planeta e a dependência do negócio em relação aos recursos naturais - uma via de mão dupla inescapável.

"Assim, a companhia perceberá que os seus funcionários, da mesma forma que seus insumos e instalações, estão expostos às mudanças climáticas e devem ser protegidos. Os RHs devem pensar em iniciativas práticas como incentivo ao *home office* em dias de calor ou chuva excessivos, mais dias de folga em uma longa onda de calor e atendimento psicológico para eventuais casos de ansiedade climática", analisa.

"O RH também deve ser agente de transformação no ambiente de trabalho, articulando com a gerência a instalação de umidificadores, climatizadores e sistemas de ar condicionado, e incentivando a área operacional a investir em infraestrutura: geradores de energia, sistema de armazenamento de água e instalação de uma fonte de energia alternativa."

No Brasil, onde o El Niño amplifica o problema em 2023, os RHs já começaram a lidar com os prejuízos da crise climática. Em setembro, a BRF criou uma força-tarefa de emergência para apoiar trabalhadores de sua unidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul, uma das regiões mais afetadas por enchentes.

"O ciclone e as chuvas no Vale do Taquari deixaram centenas de famílias desabrigadas. Cerca de 150 profissionais da BRF foram diretamente impactados", conta João Luiz Silva, gerente executivo de RH de operações da empresa.

Para ajudá-los, a área de recursos humanos viabilizou serviços de limpeza de residências e de vestuário, doação de itens como colchões, roupas e alimentos e também atendimento psicológico. Uma campanha organizada pela BRF arrecadou 590 mil reais, entregues às famílias afetadas e a instituições de apoio às vítimas das chuvas.

O futuro do trabalho verde

De acordo com Andrew Winston, autor do livro *The Big Pivot: Radically Practical Strategies for a Hotter, Scarcer, and More Open World* (ainda sem edição no Brasil), no futuro próximo todos precisarão entender de mudanças climáticas da mesma forma que, hoje, se espera de qualquer pessoa um mínimo de conhecimento digital. Por enquanto, segundo estudo de 2023 do Boston Consulting Group, a chamada economia verde tem 1,7 milhão de vagas a preencher. Em 2030, esse déficit chegará a 7 milhões. Veja as profissões que estarão em alta:

- → INSTALADORES DE PAINÉIS SOLARES
- → OPERADORES DE PARQUES EÓLICOS *ON* E *OFFSHORE*
- → TÉCNICOS DE SOLDAGEM E METAL EM USINAS DE ENERGIA SOLAR DE GRANDE PORTE
- → TÉCNICOS EM PROTEÇÃO CONTRA INCÊNDIO E SEGURANÇA DO TRABALHO
- → ENGENHEIROS DE P&D PARA TECNOLOGIAS SOLARES E DE BATERIAS

Da enchente à insolação

Também em resposta à hostilidade do clima, três sindicatos do Estado de São Paulo (o da Indústria da Construção Civil, o dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil e do Serviço Social da Construção) ouviram demandas de trabalhadores e emitiram um comunicado às empresas do setor, listando recomendações para a preservação da saúde nos canteiros de obras. Foi a primeira vez que os sindicatos se organizaram em torno da causa climática.

Entre as recomendações, estão a de fiscalizar se os empreiteiros fornecem protetor solar; a aquisição de uniformes com tecidos leves; o ajuste dos horários de trabalho para evitar exposição ao sol nas horas mais quentes do dia, principalmente entre 12h e 13h; a aplicação de tintas claras e reflexivas sobre as estruturas das áreas de vivência; a instalação de um número maior de bebedouros e de tendas para descanso e hidratação nas fases iniciais da obra, quando há menos áreas cobertas.

As companhias não são obrigadas a seguir nenhuma orientação, já que não se trata de um código de normas ou leis, mas as 300 empresas do setor associadas ao Sindicato da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP) concordaram com a lista e se comprometeram a adotar as medidas. O sindicato também fará visitas periódicas aos locais de trabalho para verificar a situação.

Leis podem surgir

As recomendações do SindusCon não são lei, mas poderão vir a ser. A legislação deve sempre acompanhar as mudanças na sociedade, e agora não há de ser diferente. Vide o movimento dos deputados federais Erika Hilton e Marcos Soares, que apresentou um projeto de lei para liberar *shorts* e bermudas nas repartições públicas e nos serviços externos.

A bermuda, aliás, foi antecipada pela prefeitura do Rio neste ano: seu uso, em geral permitido de dezembro a março por servidores municipais e motoristas de ônibus e táxi, teve início em novembro.

Já Erika Hilton enviou uma solicitação ao governo de São Paulo pedindo urgência na aprovação de medidas para proteger os trabalhadores paulistas do calor, como a adoção de sistema híbrido ou de trabalho remoto para servidores públicos idosos ou em grupos de risco, fiscalização do funcionamento do ar condicionado nos ônibus da EMTU e vagões do Metrô e CPTM.

O RH deve ficar de olho nas leis que possam surgir. Mas, antes delas, precisa agir por conta própria. Para David Fratel, diretor executivo do Grupo Kallas e coordenador do Grupo de Trabalho de Recursos Humanos (GTRH) do Comitê de Tecnologia e Qualidade (CTQ) do SindusCon-SP, o RH, mais do que nunca, será essencial para proteger os trabalhadores.

"O RH terá que atuar mais perto dos técnicos de segurança e saúde, dando diretrizes, acompanhando as medidas e cobrando sua implementação. Trabalhar com dados será importante para obter indicadores como taxas de afastamento e absenteísmo, verificar se a saúde das pessoas está sendo impactada e se as medidas estão surtindo efeito", diz.

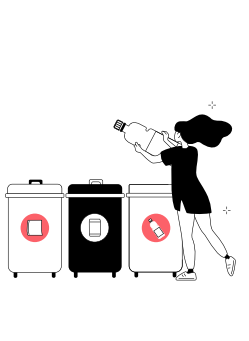
É hora de se preparar para o futuro. Na visão da professora Daniela Fontana, os treinamentos e o recrutamento do RH estarão em revisão nos próximos meses e anos.

"Os RHs devem procurar cursos que os capacitem em ESG e sustentabilidade, e oferecer essas aulas aos funcionários. Além disso, em processos seletivos, será hora de buscar candidatos com consciência ambiental, histórico de voluntariado e valores como resiliência, adaptatividade e *lifelong learning*, essenciais diante dos desafios que nos aguardam nas próximas décadas."

Habilidades verdes em alta

Pesquisa de 2023 do LinkedIn mostra que no último ano o número de vagas anunciadas que requeriam ao menos uma *green skill* (habilidade e conhecimento dentro da economia sustentável) subiu 22%, enquanto o número de candidatos compatíveis cresceu apenas 12%. O levantamento *Global Green Skills Report 2023* aponta que somente um entre oito trabalhadores no mundo possui alguma *green skill*. Estas são algumas das habilidades verdes mais pedidas pelas empresas:

- → AGRONOMIA
- → DESIGN SUSTENTÁVEL
- → EFICIÊNCIA ENERGÉTICA
- → ENERGIA RENOVÁVEL
- → MUDANÇAS CLIMÁTICAS
- → CONTROLE DE EROSÃO
- → EDUCAÇÃO SUSTENTÁVEL
- → SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA
- → CONSCIÊNCIA AMBIENTAL



Vamos juntos?

No documentário *A Vida em Nosso Planeta* (Netflix), ouvimos pela voz de Morgan Freeman que as 20 milhões de espécies que existem hoje na Terra representam apenas 1% de toda a vida que já habitou o globo. As outras 99%, inclusive as dominantes, foram extintas.

Abordando um período de 4 bilhões de anos, a série destaca o papel das mudanças climáticas na sobrevivência e na extinção das espécies. Incêndios, eras glaciais, inundações e poluição atmosférica são retratados de forma impactante, levando-nos a refletir sobre as extinções em massa e suas conexões com as alterações climáticas atuais. Diante disso, surge a inquietação sobre o que o futuro nos reserva.

A adaptação é a primeira regra fundamental para a sobrevivência das espécies: aqueles que compreendem as transformações do mundo ao seu redor e se ajustam têm maiores chances de sobreviver. Essa lei aplica-se tanto aos seres vivos quanto às empresas. No entanto, até o momento, estas últimas têm demonstrado pouco interesse ou iniciativa para modificar seus modelos de negócios em resposta ao aquecimento global.

As corporações permanecem focadas em estratégias de marketing e na elaboração de relatórios ostensivos sobre sustentabilidade. Quando confrontadas com a realidade de lidar com temperaturas extremas, como os 40 graus Celsius registrados em algumas cidades do Brasil em novembro, as empresas estão apenas no estágio inicial e incipiente de discussões.

Vai dar tempo de se adaptar? Faça a sua aposta.

Tatiana Sendin
Founder e Editora chefe
Think Work
tatiana@thinkworklab.com

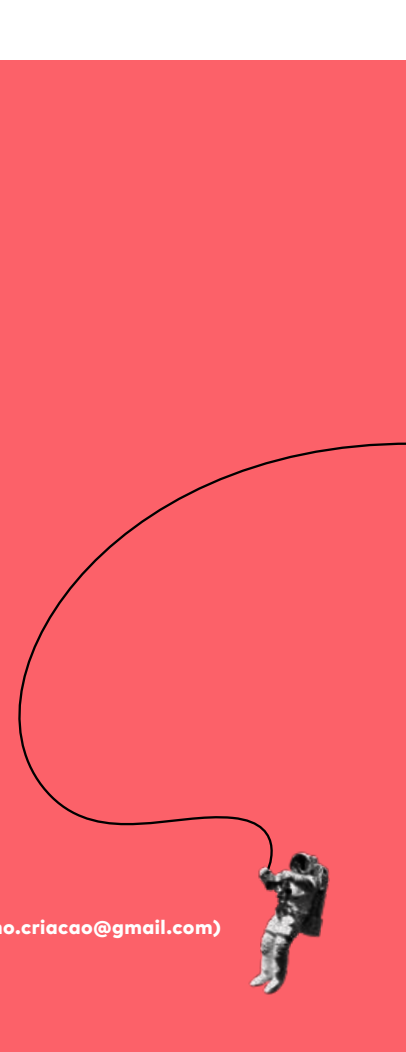
Sobre:

A **Think Forward** é a newsletter mensal, no estilo Zeitgeist, da **Think Work**. A cada edição, uma reflexão aprofundada sobre temas relevantes para os negócios e a gestão de pessoas, ajudando o leitor a navegar de forma simples por assuntos complexos. Para receber, você precisa ser um assinante do **Think Work Lab.**

Essa newsletter foi encaminhada para você e você gostaria de assinar?

Clique aqui

Think Work
FORWARD

Diagramação: Estúdio Cosmo (estudiocosmo.criacao@gmail.com)